

Deixando à margem uma longa série de minúcias, acabo perguntando como foi que formas dum texto, traduzido no tempo de D. Dinis — antes de 1315 — de árabe para português, se conservaram, através de vários traslados para castelhano e de novo para português, até 1457?

E respondo que um exemplar do trabalho de Gil Perez e Mestre Mafamede estaria na posse do último tradutor (ou dos últimos tradutores) que, a fim de pouparem esforços, e talvez para serem mais correctos, se serviram dêsse *Livro de Rasis*, e não da versão castelhana.

Sendo assim, ainda haveria esperança de algum exemplar se ter salvo. Oxalá apareça! E no entretanto publique-se entre nós a *Crónica* do tempo de D. João I, e a de Paris; e no país vizinho a *Crónica de 1344*. E em terceiro lugar, aqui ou acolá, o texto completo do *Rasis*, com todas as variantes.

Porto, Julho de 1919.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

Estudos sobre a época do bronze em Portugal

(Vid. *O Arch. Port.*, XIII, 300)

VIII

Tesouro do Casal dos Fiéis-de-Deus

Por 1893 ou 1894, ao fazerem-se excavações agrarias em umas campinas do Casal dos Fiéis-de-Deus, freguesia do Carvalhal, antigo concelho de Obidos, hoje do Bombarral, appareceram, numa area de 2 metros quadrados, a 1 metro de fundo, doze objectos de que passo a falar:

seis braceletes abertos, maciços, lisos, mais estreitos nas extremidades do que no corpo, de secção quadrangular ou sub-quadrangular, sendo porém curvos alguns dos lados d'ela (vid. figs. 1 a 6, tamanho natural); o machado 6.º está mutilado;

folha de lança, incompleta, de vasado circular (vid. fig. 7; de 0^m,14 de comprimento);

a parte inferior da lâmina de um machado de alvado quadrangular (vid. fig. 8; de 0^m,083 de comprimento);

folha triangular, chata, de punhal, com espigão também triangular, e dois buracos neste para se fixar ao cabo por meio de brochas, que faltam (vid. fig. 9; de 0^m,193 do comprimento);

folha de espada, partida em dois pedaços, e punho separado dela: a folha é de secção romboidal; o punho de secção rectangular nos dois terços superiores, e de secção circular no terço inferior, conserva ainda dois pregos de quando era revestido de osso, madeira, etc., e tem o capacete de forma de disco, de cujo centro sai perpendicularmente um prolongamento cilíndrico, estreito e curto, já publicada na *Historia do Museu Etnologico*, p. 361, fig. 32. O comprimento total é 0^m,57 (vid. fig. 10);

dois pedaços de folhas de espada, analogas á da anteriormente mencionada.

O punhal (fig. 9) é de cobre, os restantes objectos são de bronze: conforme análises amavelmente feitas pelo S.^{or} D.^{or} Alfredo Bensaude, illustre Professor e Director do Instituto Superior Tecnico de Lisboa.

Estes objectos pertencem hoje ao Museu Etnologico, por dadiua que d'eles me fizeram o Rev.^{do} José Prata, Prior do Carvalho, que me deu o punhal, e o Sr. Adriano Pereira Horta, dono do casal, que em casa, em 1904, me deu os restantes objectos por intervenção do mesmo Sr. Prior.

No local do achado não appareceu mais nada, nem cacos, nem cinzas, nem pedras, nem vestigio algum de casa ou sepultura; excavações especiais que no local mandei fazer ulteriormente por um empregado do Museu nada mais produziram. Talvez os objectos constituíssem um tesouro, *ripostiglio*, que por qualquer circumstancia foi escondido no chão.

*

Ao merito archeologico de cada peça acresce o do conjunto, pois este nos dá auxilio para estabelecermos cronologia relativa entre uns poucos de objectos, diversos entre si. Para estabelecer a cronologia absoluta, não ha ainda em Portugal elementos suficientes; o que é exacto ou provavel com relação a uns países, não o é com relação a outros, sobretudo quando estes estão, como o nosso, tão afastados dos centros da civilização; todavia direi que os tipos da espada e do machado concordam com os que os archeologos attribuem á fase 4.^a da epoca do bronze, ou bronze iv; a lança de vasado poderá pertencer á mesma fase; o punhal e os braceletes serão talvez de tempo anterior, embora, pela sua simplicidade, conservados, como tipos, até tarde.

Nas nossas colecções archeologicas conhecem-se outras espadas de bronze, não porém exactamente como a de que falo aqui, a qual pela forma do remate do punho, se parece, à parte a falta de ornatos, com as que vem em Naue, *Die vorrömischen Schwerter*, Munich 1903, album, est. xx, n.º 2, etc. Machados de alvado são comuns em todo o Portugal; lanças, punhais e braceletes não abundam tanto, mas ha outros exemplares no Museu Etnologico, provenientes do Sul.

N. B.—As figs. 1 a 9 são desenhos de Francisco Valença. A fig. 10 é desenho de Guilherme Gameiro.

IX

Xorcas de bronze de Alcaíça

Em fins de Janeiro de 1904 enviou ao Museu Etnologico a Repartição de Minas do então Ministerio das Obras Publicas uma colecção de cinco xorcas que vão representadas de tamanho natural nas figs. 11 a 15. A não ser a xorca n.º 12, que está mutilada, todas as restantes estão em bom estado de conservação; esta mesma xorca n.º 12, foi analisada pelo S.^{or} D.^{or} Bensaude, e a análise mostrou que era de bronze, d'onde concluo que tambem as outras o serão. Tres das xorcas são de secção sub-quadrangular, uma é de secção semi-circular, e a outra de secção eliptica.

Juntamente com as xorcas vinha um objecto, representado na fig. 16, tamanho natural, o qual deve ser o remate (fr. *bouterolle*) da bainha, de madeira ou de couro, de um punhal.

Algum tempo depois de ter recebido o Museu os mencionados objectos, ofereceu-lhe o S.^{or} Ascensão Valdês, funcionário da Biblioteca Nacional, outra xorca, fig. 17, tamanho natural, cuja secção é um quadrante, ou quarto de círculo.

Todos estes objectos tinham apparecido no Cabeço dos Orgãos, freguesia da Igreja Nova, concelho de Mafra, sitio que porém fica mais perto de Alcaíça (d'onde dista menos de 1 kilometro), do que da Igreja-Nova (d'onde dista 2 kilometros). Acharam-nos em trabalhos do campo, não em sepulturas regulares, mas entre pedras. Mais nada appareceu de bronze.

*

As xorcas são do mesmo tipo das dos Fieis-de-Deus. O remate do punhal é igual a outros que existem no Museu, provenientes do «castelo» de Pragança.

N. B. As figs. 11 a 16 são desenhos de Francisco Valença. A fig. 17 é desenho de Saavedra Machado.

X

Xorca de bronze do Moledo

Na fig. 18, tamanho natural, representa-se outra xorca de bronze, que tem internamente, quasi em todo o comprimento, um sulco resultante de imperfeição da fundição. Por causa d'este sulco, a secção da xorca é a seguinte:



A xorca, que obtive para o Museu Etnologico, appareceu na Serra da Cezareda, no sitio das Eiras, termo do Moledo, Concelho da Lourinhã. Na Serra da Cezareda tem-se feito muitos achados de objectos da mesma epoca.

XI

Ponta de seta da Moita

O objecto representado na fig. 19, tamanho natural (desenho de Saavedra Machado), é uma ponta foliforme de seta, de cobre (análise do S.^{or} D.^{or} Bensaude), de espigão curto. Apareceu nos arredores da Moita, concelho da Lourinhã, onde a obtive.

No Museu ha outras pontas de setas analogas, provenientes de varias localidades portuguezas.

XII

Vaso de barro, de Santa Vitoria de Ervidel¹

O vaso representado na fig. 20 appareceu, com outro analogo, mas mais belo, em Santa Vitoria de Ervidel (Beja), e foi-me oferecido para o Museu Etnologico, em 1917, pelo Sr. Dr. Manoel Marques da Costa, no que prestou á Arqueologia valioso serviço.

É de barro, levemente avermelhado; foi feito á roda, e ficou da cozedura muito endurecido. O desenho indica perfeitamente a fórma: a parte inferior consiste numa calote esferica, o pescoço é curvo, com os bordos um pouco revirados para fóra; o bojo, na linha média, está ornamentado de incisões verticais e paralelas entre si; superiormente a esta linha, e junto d'ela, ha em toda a volta outra ornamentação, constante de tres series de pontos; na base do pesco-

¹ Desenho de Francisco Valença.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

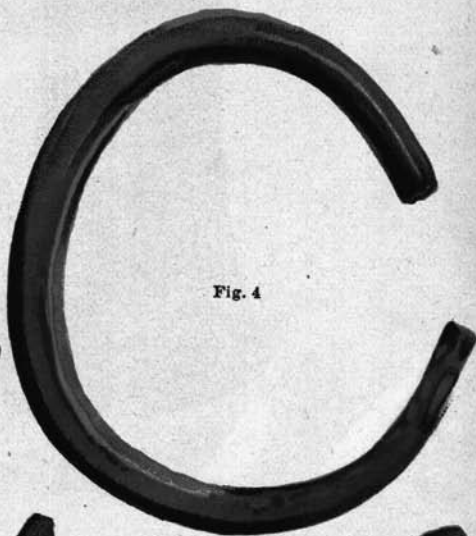


Fig. 4

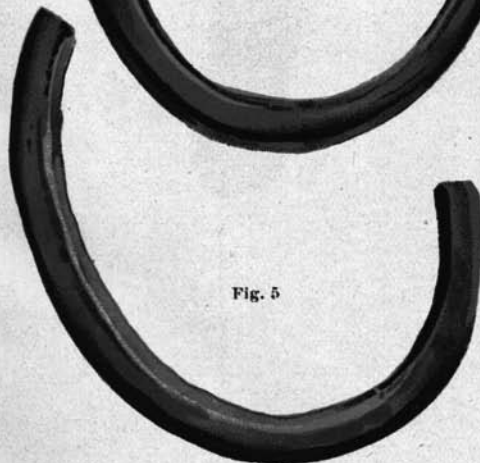


Fig. 5

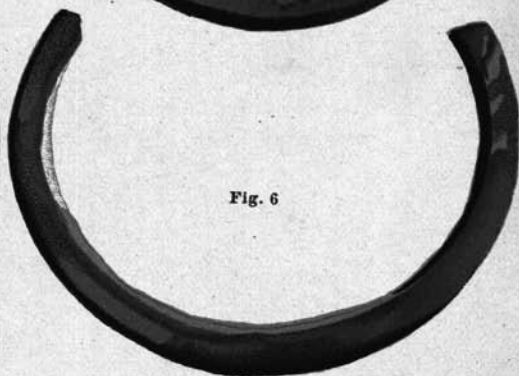


Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9

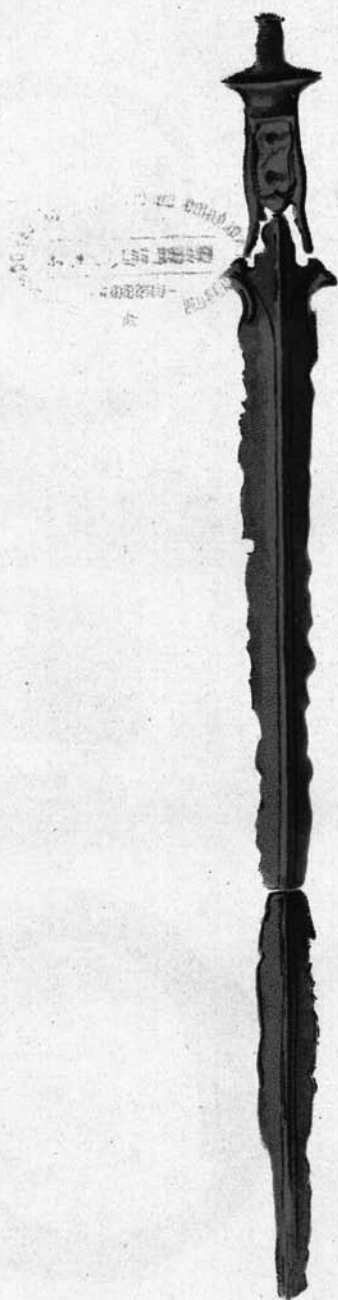


Fig. 10



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 16



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15

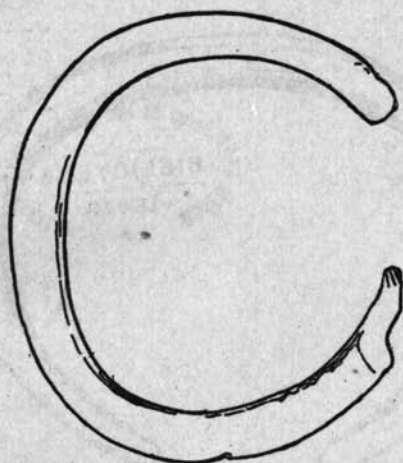


Fig. 1

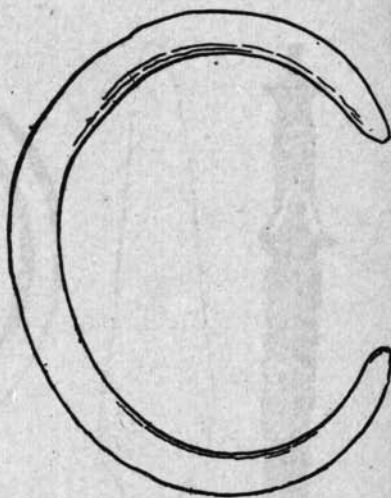


Fig. 2

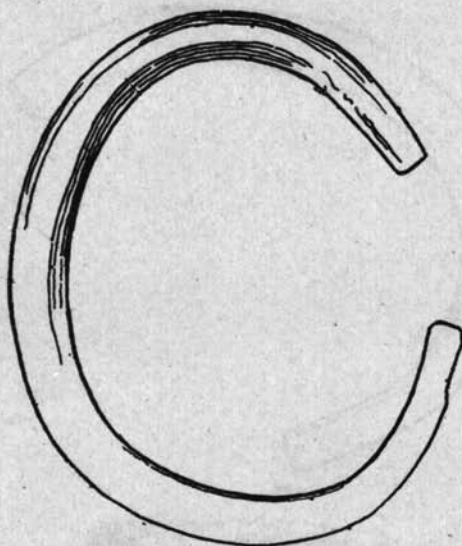


Fig. 3

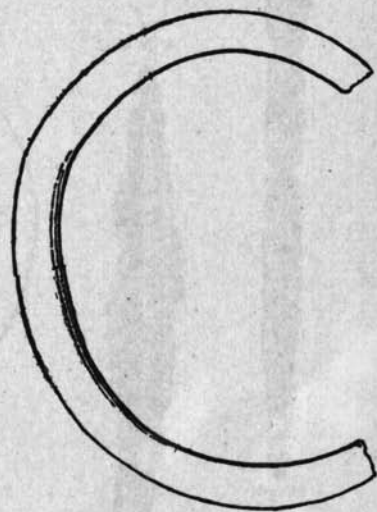


Fig. 4

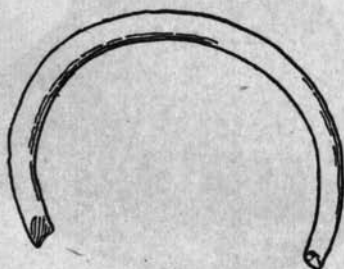


Fig. 12

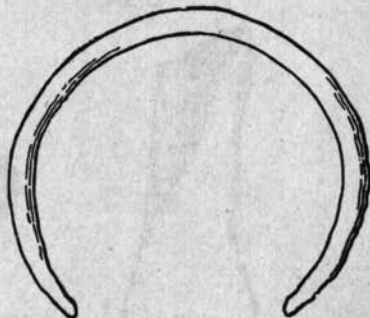


Fig. 14

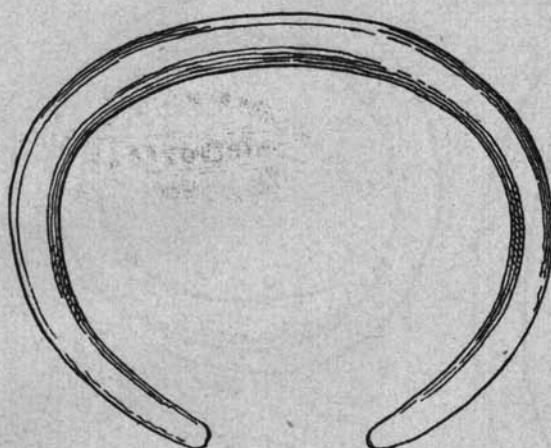


Fig. 5

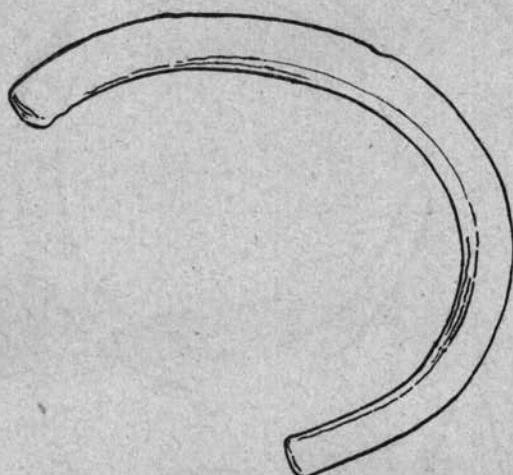


Fig. 6



Fig. 20



Fig. 9



Fig. 7



Fig. 10



Fig. 8

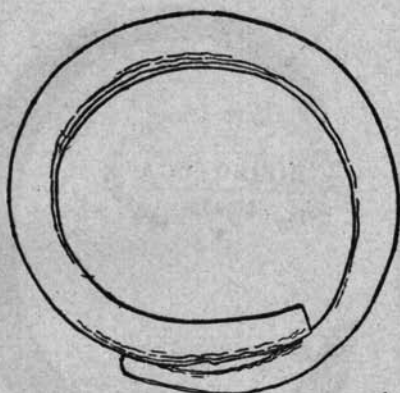


Fig. 13

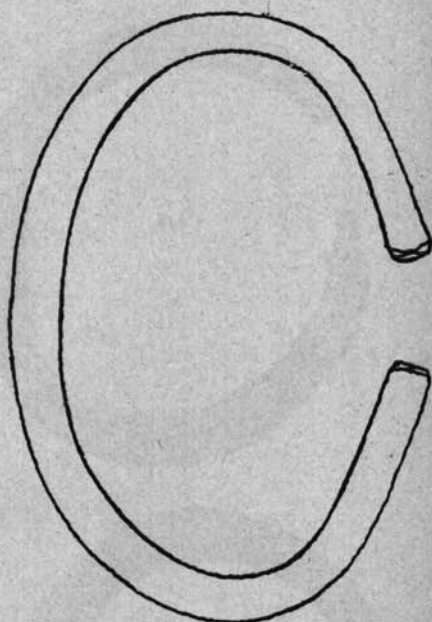


Fig. 18

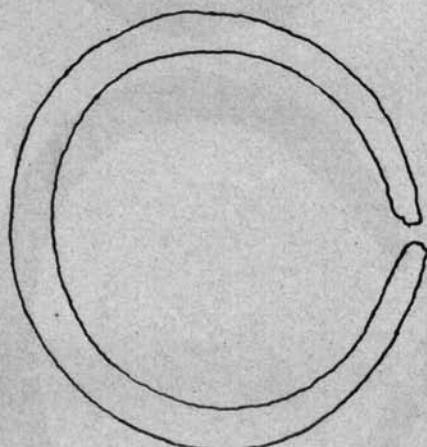


Fig. 17

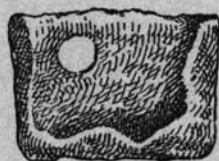


Fig. 16

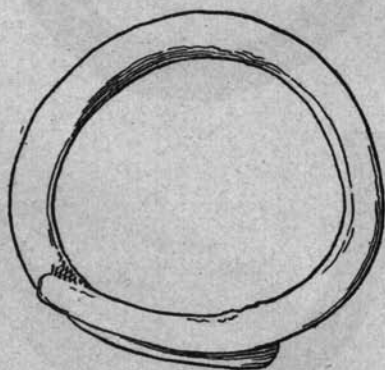


Fig. 11



Fig. 19

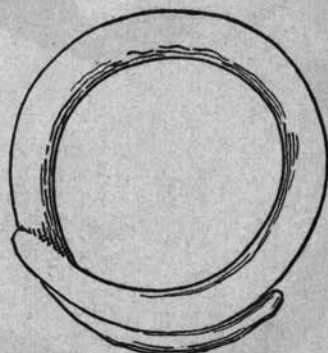


Fig. 15

go, também á volta, mais duas series pontuadas. Tanto as incisões como os pontos são irregulares.

A fôrma geral e em parte a ornamentação parecem-se um tanto com as de um vaso da necropole de Pongues-les-Eaux (França), que Déchelette coloca na fase chamada «bronze III» (cêrca de 1600 a 1300 a. C.)¹. Esta attribuição do nosso vaso á epoca do bronze combina com o haverem-se descoberto outros testemunhos da mesma epoca em Santa Vitoria, ou na sua área².

Devo acrescentar que o vaso de Ervidel tem no fundo aderencias de calcareo, o que mostra que esteve assente em chão d'essa natureza. Não sei ao certo as condições em que appareceu, mas provavelmente foi em sepultura.

J. L. DE V.

Uma ara inédita

De apontamentos meus sobre *Conimbriga*, que um dia, possivelmente, se integrarão num pequeno estudo acêrca do grau de civilização atingido pelo famoso *oppidum*, e revelado nos contínuos achados que a falta duma exploração metódica vai deixando desperdiçar, extraio estas poucas linhas, humilimo subsidio à homenagem que *O Archeologo Português* hoje presta ao Dr. Simões de Castro, decano dos arqueólogos portugueses, e com cuja amizade me honro.

Trata-se duma árula proveniente de Condeixa-a-Velha, comprada em fins de 1918 a um indivíduo da localidade pelo seu actual possuidor — Dr. Pinto de Almeida.

Está inédita; por isso, e por me parecer interessante, a apresento.

É o cumprimento dum voto a Apolo, divindade tutelar da civilização luso-romana: APOLLINI AUG(USTO) CAECILIA AVITA V(OTUM) S(OLVIT). Além das suas dimensões, não necessita de grandes considera-



¹ *Manuel d'Archéologie*, II, 383.

² Vid. *O Arch. Port.*, XI, 180 sgs.